

Apresentação

No futuro, o *I Encontro Nacional entre Psicodramatistas e Educadores* certamente será lembrado como um marco, tanto na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília quanto na história do movimento psicodramático brasileiro. Mais do que um evento científico, foi realizado um ato público, apologético e extraordinariamente fecundo. Foram reunidos profissionais das mais diversificadas formações, com os mais diferentes compromissos sociais, mas que possuíam, no psicodrama e na educação, o eixo organizador de sua reflexão e de sua *praxis*.

A metáfora do nascimento impregnou os acontecimentos desde a origem. A idéia em si foi concebida após uma supervisão com Moysés Aguiar, no espaço psicodramático recém inaugurado da Focus. Após a jornada, descontraídos, conversávamos sobre Educação, o Congresso Brasileiro de Psicodrama em Campos do Jordão e o impacto e a penetração das idéias morenianas no hermético circuito universitário. Os argumentos eram muito menos conclusivos do que mobilizadores e estimulantes a novos encontros. Portanto, devia ser um Encontro, e não um Congresso, um Festival ou um Colóquio. Nada muito formal, mas ao mesmo tempo um *ato* cuja seriedade pudesse penetrar em diversos fóruns. Para tanto, sua realização deveria ocupar o distinto espaço da Universidade pública, que, apesar de todos os problemas que enfrenta na atualidade, é reconhecido como portador dos mais relevantes saberes, cujos desdobramentos são inegavelmente importantes e imprescindíveis na construção do futuro.

O desenho do encontro foi submetido à apreciação da Universidade de Brasília e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, que o aprovaram quanto ao mérito. O Instituto de Pesquisa e Ação Modular organizou os esforços coletivos, formando uma rede institucional que disponibilizou recursos para sua realização. As sete entidades de psicodrama do Centro-Oeste tornaram-se parceiras da proposta, agregando às atividades já programadas o V Encontro de Psicodrama da Regional Centro-Oeste. Essa participação implicou diretamente a Federação Brasileira de Psicodrama, que, com sua chancela, valorizou e engrandeceu a iniciativa, abrindo a perspectiva de divulgação e inclusão do maior número possível de psicodramatistas.

A união de tantas mãos parceiras transformou o Encontro, desde o início, em uma grande oficina de construção de conhecimentos, onde, constantemente, nos sujeitamos à realização de rupturas epistemológicas. Como, por exemplo, na abertura, onde o grupo Quinta Cênica, dirigido por Brígida Miranda, do Instituto de Artes da UnB, “ensinou” à platéia aspectos do cotidiano, através do divertidíssimo espetáculo *Aluga-se*, de Marcus Motta. Assim, a Educação não foi reduzida a uma situação específica, mas foi entendida numa diversidade de sentidos e contextos: na família, na escola, nos hospitais, nas empresas, na comunidade; do auto-descobrimento ao saber coletivo e popular; da sala-de-aula à rua e à vida cotidiana - diferentes campos de atuação educativa que abrem perspectivas de engajamento multirreferencial a pedagogos, professores, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, médicos, artistas, líderes comunitários (...) e a psicodramatistas.

Durante o Encontro a teoria do Psicodrama foi discutida por participantes de quatro países e sete Estados da Federação. As mesas redondas funcionaram como eixo organizador das discussões dos seguintes temas: a construção do conhecimento, a educação no trabalho, as abordagens grupais em educação, a educação em saúde, a articulação entre a educação, o teatro e o psicodrama, e a família na educação.

A construção do conhecimento e a utilização do psicodrama como uma proposta didática com ênfase no coletivo são discutidas nos artigos de Maria Alcía Romaña, Fernando L. Gonzalez Rey, Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler e Heralde Oliveira Silva. A escola como Organização e a educação nas empresas são temas articulados e bem explorados nos artigos de Albertina Mitjans, Wedja Granja Costa, Jaime Winkler e Yvette Datner. As noções de indivíduo, grupo, organização e instituição, bem como a mobilização social e a utilização do sociodrama como recurso na educação em saúde foram abordados por Marília Marino, Liane Maria Mühlemberg, Ana Maria Pereira de Souza, Maria de Lourdes de Araújo e Edgar Merchán Hamann. Os aspectos terapêuticos, pedagógicos e artísticos do Psicodrama são discutidos por Paulo Bareicha, Bill Pearlman, Marisa Schmidt Silva e Cláudio Pawel. As experiências com educação na família e a inovadora abordagem comunitária multifamiliar são bem descritas por André Monteiro, Liana Fortunato Costa e Maria Cecília Veluk Dias Baptista. Finalmente, o lugar científico e acadêmico do psicodrama são comentados por Sylvia Helena de Saboya Riquet, Milene De Stefano Féo, Valéria Brito e André Monteiro.

O Encontro possibilitou a construção coletiva de conhecimentos através do psicodrama. A metáfora do nascimento tornou o 7 de setembro um tanto quanto emblemático: dia da independência, da maioridade, da maturidade; da subversão, da invenção e da inversão de papéis: dia em que os alunos se tornaram professores; e que os professores se tornaram alunos; dia em que professores e alunos experimentaram a incrível possibilidade de se tomarem parceiros e amigos. Amigos que, numa perspectiva sociométrica, se reconheceram irmãos. Irmãos que descobriram em seus conhecimentos, crenças e valores, a sua linhagem. Filhos que quiseram ser pais e mães. Mães que se tornaram corajosamente avós. Avós recém promovidos para que outras mães e pais entrassem em seu papel, com tempo de sobra, para brincar com netinhos.

Na conclusão do encontro, Rosane Rodrigues dirigiu o Grupo Reprise, de São Paulo. Coincidentemente, ela estava nos últimos dias da gravidez, mas não hesitou em ajudar-nos a vir à luz. A platéia, formada por professores de todos os níveis, autenticou o Encontro ao se referir especialmente às experiências vivenciadas naquele fim de semana. Momentos mágicos nos quais conseguimos pôr em prática, e quiçá em marcha, os princípios morenianos na Universidade.

O desenho intimista, espontâneo e criativo do Encontro não limitou nem impediu que a seriedade, a premência e a relevância das idéias compartilhadas fossem reconhecidas e difundidas. A principal prova disso é este número da Revista Linhas Críticas da Faculdade de Educação da UnB, totalmente dedicado à divulgação do Psicodrama na Educação.

Brasília, 31 de dezembro de 1998.

Professor Paulo Bareicha
Presidente do Encontro